

## UM ESTILO DE VIDA

Em toda sociedade, a cultura pode se apresentar como a forma especial pela qual se usam, dispõem e representam o tempo e o espaço. Desta maneira, a cidade do Rio de Janeiro é ao mesmo tempo uma construção física e simbólica do espaço e do tempo. Nela, produziram-se lugares que simultaneamente criaram sentido para aqueles que a habitam e inteligibilidade para quem a observa. A cidade do Rio de Janeiro possui lugares que estimulam o estreitamento das relações de identidade e de diferenças. À medida que conjugamos identidade, história, diferenças e relações sociais, definimos uma estabilidade mínima referencial e existencial capaz de oferecer, àqueles que vivem numa cidade, marcos povoados de signos que reativam em cada um o sentido de segurança pela pertença àquela sociedade. Ao mesmo tempo, desperta-se em cada cidadão a lembrança, no vaivém de cada dia, dos lugares de memória. Neles, reconhecemos, construímos e preservamos o nosso passado, transformamos edificações em patrimônio, e o corpo, a pedra e o mármore, em monumento.

A cidade do Rio de Janeiro se apresenta, como linguagem espacial e temporal, sob a forma de diversos gêneros, tais como a poética, a dramaturgia, a panegírica e a comédia de humor crítico e irreverente, que fazem da cidade um espetáculo para ser vivido intensamente ao ritmo da síncopa do samba. Mar, montanhas, florestas, rios, canais, lagoas, ruas, casas, bares, escolas, edifícios públicos e privados se deslocam metafórica e constantemente num duplo movimento de margens/centro que separa e une, que purifica e contamina, que produz lágrimas e risos.

Na cidade do Rio de Janeiro, o Largo de São Francisco de Paula e arredores são um desses lugares da “mestiçagem”. Passado e presente convivem num contraste estético arquitetônico paradoxalmente harmônico. “Cultura de elite, cultura oficial e cultura popular” dialogam numa linguagem ritmada, tanto no tom grave dos tambores, pandeiros e cuícas do *Bola Preta* e do Sambódromo quanto na harmonia das orquestras dos Teatros Municipal, João Caetano e Carlos Gomes. Olho no olho, INCRA e MST acertam suas diferenças no Largo de São Francisco de Paula. Podemos observar o mesclado forte de cores que se desenha com a presença do Instituto de

Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com os Centros Culturais como o Hélio Oiticica (Casa de Dona Maria I), com o Real Gabinete Português de Leitura, com o Sindicato dos Comerciantes, com as Associações, as diversas Sociedades de Amigos, com a *Gafieira Estudantina* dos grandes dançarinos da cidade, com o atual Cinema Íris e suas novas opções, com a renovada Casa Franklin, dos lindos tecidos que enfeitavam as sinhazinhas do passado, com os sobrados ruindo-se, cujas venezianas permitiam um olhar discreto para a rua, com o Bar Luiz do chopinho e da boa conversa. Os comerciantes, os alunos, os professores, os políticos, os trabalhadores, os sacerdotes das igrejas de São Francisco de Paula, Nossa Senhora de Lampadosa e arredores, todo este calidoscópio de formas e cores se entrelaçam e dialogam diariamente com o espaço superposto das prostitutas, proxenetas, mendigos, sem-tetos, sem-terras, contraventores, meninos de rua e imigrantes de todos os lados. Tudo isso, ao som dos sinos dos campanários e do canto do galo do comércio de animais, da rua do Teatro, que marcam o tempo do trabalho; dos flautistas andinos que choram a terra dos ancestrais que está longe; do berimbau das capoeiras que se exibem frente ao monumento de José Bonifácio relembrando as resistências culturais; e dos refrões disputados dos *camelôs* que indicam a luta entre o trabalho formal e informal.

O Largo de São Francisco de Paula revaloriza a cada dia os seus prédios, seus monumentos e a sua memória coletiva nesta dinâmica social de colocar frente a frente passado e presente, iguais e diferentes, pluralidade e unidade; saber e pobreza.

No centro do Largo, voltado para o mar, num olhar de conspiração entre o povo e a Universidade está o prédio de estilo neoclássico do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (**IFCS/UFRJ**), tombado como patrimônio histórico em 1962. A história do prédio, de 1749 a 2002, pode nos mostrar esta relação entre querer/saber/poder/fazer/desfazer e, mais, como foi se deslocando espacialmente estas relações e os grupos sociais que dizem onde está o centro e como estes deslocamentos mudam o sentido de centro.

Historiadores, Antropólogos, Sociólogos, Filósofos e Cientistas Políticos, funcionários e alunos deram um novo sentido ao prédio da Antiga Escola Politécnica. Para tal, tiveram que decifrar passo a passo o labirinto arquitetônico interno que os engenheiros construíram e que, ao mesmo tempo, levava os “cientistas sociais” a desmanchar o significado de cada sala e ante-sala, de cada corredor e escadas, tecendo uma nova linguagem, própria

das Ciências Humanas. Professores e alunos do IFCS deram um novo sentido a cada sala, a cada corredor e a cada nova porta que se abria. Limparam e expulsaram os primeiros ratos, os pombos mortos, os entulhos e ainda lutam com muita dificuldade com os novos ratos, os cupins, as brocas e os fungos. Os historiadores, sociólogos, antropólogos, filósofos e cientistas políticos tornaram, paulatinamente, o prédio abandonado num lugar ativo de produção e reflexão das sociedades. Há trinta e dois anos, cada Diretor do IFCS, os professores, os funcionários e os alunos conseguem a duras penas manter o prédio em pé, como reforço da memória histórica das lutas pela cidadania, pela liberdade, pelo ensino público e gratuito, pela democracia, e mais: como lugar de produção de saberes e como lugar de interação permanente com a sociedade.

Gostaríamos de reforçar que foi pela ocupação do prédio pelo IFCS que se impediu que ele desaparecesse materialmente e foi pelo uso dado por todos aqueles que formaram e formam o IFCS que se manteve o prédio imponente, dando o contorno ao Largo de São Francisco e mantendo o olhar de reciprocidade entre passado e presente; entre iguais e diferentes; entre Universidade e Sociedade. Por várias vezes, toda a comunidade do IFCS abraçou o prédio do Largo de São Francisco nº 1, como símbolo da nossa História e de nosso Trabalho, procurando sensibilizar aqueles que dispõem de verbas para manutenção, reconstrução de Patrimônios e Monumentos tombados e aqueles que desconhecem ou desvalorizam as pesquisas na área das Ciências Sociais.

O prédio, ao se tornar **IFCS**, revalorizou o Largo de São Francisco de Paula número 1, à medida que fez deste Largo o laboratório dos seus pesquisadores. O IFCS redimensionou o Largo de São Francisco, promovendo novas práticas sociais que proporcionam à sociedade lazer/prazer/saber/crítica, criatividade, participação e confiança na capacidade de cada cidadão em ser agente efetivo de sua História. A presença do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais no Largo de São Francisco, no centro da cidade do Rio de Janeiro, fez com que se percebesse a mestiçagem carioca; isto se dá quando se constata que, hoje, o centro e a margem do Rio de Janeiro estão juntos em qualquer ponto da cidade. Os cientistas sociais do IFCS, através das diversas pesquisas, tornaram possível explicar a instabilidade, a insegurança, a incerteza, o desequilíbrio e a ilusão da totalidade estabilizada. As possibilidades infinitas de respostas sociais no tempo e no espaço nos alertam para os “estilos de vida” aos quais as sociedades se referem como os seus ou os dos outros. O IFCS, com o seu olhar de cumplicidade com a cidade do Rio de Janeiro, ao

mesmo tempo vive e explica este deslizar do centro para a margem, da alegria para a tristeza; da beleza para a violência.

A mestiçagem, à qual nos referimos, se relaciona com o pensamento mestiço que se encontra num modo de conhecimento que abandona o pensamento exclusivamente classificatório e a lógica – de cada um e cada coisa em seu lugar. O pensamento mestiço não vê oposição entre sensível e inteligível; natureza e cultura; ciência e política; sério e lúdico; fundo e forma; ornamental e fundamental; objetividade e subjetividade; razão e paixão. O pensamento mestiço é o pensamento da relação; da multiplicidade e da singularidade; do movimento; do reencontro com enriquecimento mútuo; do caminhando com e do pensamento da troca e do compartilhar. O pensamento mestiço se articula em graus diferentes com os desejos, as inspirações, os reencontros, e por vezes é colorido com a vontade da brincadeira, do humor, da irreverência e da provocação. Ser mestiço é um constante tornar-se. A mestiçagem aparece com uma variedade de tons, de sons, de ritmos, de estilos; não existe vontade de procurar padronizar o belo e o feio, odor e fedor. O mestiço ri das hierarquias, carnaliza as normas, mas ele não é inocente ou infantil ou ingênuo; ele é como um nômade.

Quando percebemos que somos mestiços, verificamos a distinção entre dois termos da atualidade e que são usados quase como sinônimos: mundialização e globalização. O primeiro pode ser uma denúncia econômica e o segundo remete a uma extensão planetária de trocas e de comunicações, quer sejam de natureza material ou cultural. Mas poderemos lê-los de outra forma, distinguindo um outro nível de leitura. Neste caso, a diferença entre globalização e mundialização é aquela que separa o globo do mundo. A globalização visa a homogeneidade, a mundialização visa a diversidade; a multiplicidade que é aquela do próprio mundo. A mundialização deveria permitir o reencontro das sociedades, das comunidades, das culturas, dos indivíduos e expor a alteridade pela qual aprenderemos a conhecer a nós mesmos. Portanto, resistir à unidade e à indiferenciação, à fusão e à homogeneização, seria ver o mundo como mestiço.

Neste sentido, continuamos optando por prosseguir dando mais uma cor e mais um ritmo ao Largo de São Francisco, desmanchando as diferenças entre margem e centro, lei e justiça, o ensino e a pesquisa.

*Neyde Theml*

Professora Titular de História Antiga, IFCS/UFRJ